

A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER ABORDADA NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO* DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Naiana Bentes Rodrigues (UEA)¹
Dra. Maria Francisca Moraes de Lima (Orientadora)²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar a violência contra a mulher destacada na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus. A escolha da temática se deu pela experiência profissional da pesquisadora por presenciar in loco a violência contra a mulher e os prejuízos emocionais e físicos advindos deste tipo agressão. Para se alcançar o objetivo deste estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, pois se trata de uma análise literária, utilizando como método de abordagem o fenomenológico. A fundamentação teórica foi baseada na visão de Vera Teixeira de Aguiar, Maria da Glória Bordini, Regina Zilberman, Thomas Bonnici e Mikhail Bakhtin. Como resultado, observou-se que a violência contra a mulher foi percebida na obra em questão de diversas formas, sendo, pois a escrita uma forma de autodefesa para a autora. Com sua visão crítica, reflexiva e, ao mesmo, tempo poética, Carolina deu voz aos marginalizados, escancarando o descaso social. Questões importantes que sempre devem receber um olhar especial e jamais serem deixadas de lado, foram denunciadas por ela através da sua literatura marginal.

Palavras-chave: Violência feminina; olhar literário; retrato da realidade.

INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu da observância do aumento expressivo de registros em relação à violência que as mulheres vêm sofrendo na sociedade atual. Embora não seja um problema recente, uma vez que a mulher tem sofrido durante séculos nas mãos de uma sociedade machista que não respeita os direitos mais básicos do público feminino. Muitas mulheres vivem essa triste realidade em seus lares, sendo, pois, agredidas por seus cônjuges, parceiros ou outros membros da família. Daí a importância da pesquisa, uma vez que a violência contra mulher é secular, pouco se explora e se discute as principais causas e consequências para uma sociedade, reconhecida como democrática.

¹ Concludente do Curso de Licenciatura em Letras, Núcleo de Ensino Superior de Manicoré/Am, E-mail: naianabentesrodrigues250@gmail.com

² Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, E-mail: francisca.lima@ifam.edu.br

A luta pelo respeito e direitos das mulheres tem sido árdua sendo, pois, pauta de diversas discussões a respeito de como as mulheres devem ser tratadas. Nesse sentido, o movimento de apoio à causa feminina tem contribuído para que a voz das mulheres, muitas vezes silenciada pelo medo, possa ser ouvida.

Falar da violência contra a mulher é muito importante, porém é muito desafiador tocar nesse assunto, ainda mais partindo de uma acadêmica mulher que vivenciou na família a violência feminina. Atualmente, os meios de comunicação divulgam com muita frequência a consequência dessa violência contra as mulheres cujas vidas estão sendo ceifadas, em sua grande maioria, por seus parceiros.

Como a literatura configura-se como o lado brilhante da história, os escritos literários têm sido um importante canal para que as mulheres possam se expressar e levantar questões sociais importantes. Temas como desigualdade social, racismo e violência contra minorias estão presentes em várias obras de diversas autoras literárias. Algumas delas retratam, em suas obras, suas próprias experiências de violência e abusos sofridos durante sua vida. Vale ressaltar que na época em que algumas obras foram escritas, as mulheres eram muito mais reprimidas do que hoje. Para tanto, por meio do texto literário, elas podiam e podem contar em detalhes todo sofrimento vivido por essas mulheres, principalmente, as mais pobres e/ou negras.

Uma das autoras que, mesmo sendo quase analfabeta, pobre e negra, teve coragem de escrever sua história de vida sofrida foi Carolina Maria de Jesus. Esta mulher forte escreveu em seus livros/diários a dura realidade de viver numa favela de São Paulo além de ter que criar sozinha seus três filhos. Ela representa a coragem e força que a mulher precisa ter para enfrentar as adversidades que a vida nos apresenta. Carolina Maria de Jesus é um exemplo para muitas mulheres que sofrem em silêncio e têm medo de se libertar de seus opressores.

A questão norteadora balizadora deste estudo é: Quais as contribuições da obra *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus no combate à violência contra mulher? Para responder à questão norteadora da pesquisa, elencou-se como objetivo geral: analisar como a violência contra mulher é abordada na obra *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus. Como objetivos específicos têm-se: apresentar, a partir da leitura do livro, os vários tipos de violência apresentados e os casos mais relevantes para fins de análise. Apresentar a importância da literatura como uma voz, ou seja, como ferramenta de denúncia da violência contra a mulher.

Os autores que fundamentaram o aporte teórico foram: Regina Zilberman (2012), Vera Teixeira de Aguiar (1988), Maria da Glória Bordini (1988) e Marisa Lajolo (2011), que

discorrem a respeito do conceito de leitura literária. Falando sobre pós-colonialismo, dialogismo e alteridade, temos a visão de teóricos como Mikhail Bakhtin (1997) e Lev Vygotsky (2001). Será abordado também o conceito de violência simbólica, elaborado por Pierre Bourdieu. Além dos autores mencionados, outros teóricos foram consultados durante a pesquisa.

O trabalho a ser apresentado foi organizado da seguinte forma: Introdução onde apresentou-se as informações introdutórias em relação à temática. A segunda parte, o referencial teórico onde foram apresentados conceitos e percepções de autores em relação à literatura e sua importância para a divulgação de realidades socioculturais – Pós-colonialismo e sua influência para os problemas sociais atuais – o dialogismo, a alteridade e a violência simbólica. Na terceira parte, tem-se a metodologia; apresentação e análise de dados.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste trabalho foi construída com base no pensamento de autores como Vera Teixeira de Aguiar, Maria da Glória Bordini, Regina Zilberman, Thomas Bonnici, Pierre Bourdieu e Mikhail Bakhtin. Os mesmos discorrem sobre leitura literária, pós-colonialismo, dialogismo e alteridade e violência simbólica, dentre outros assuntos. Esses autores dão o suporte teórico que fundamentam a pesquisa.

1.1. A LITERATURA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A DIVULGAÇÃO DE REALIDADES SOCIOCULTURAIS

Sempre houve uma grande necessidade do ser humano se comunicar. Isso é algo que faz parte de cada indivíduo. Para isso, a leitura torna-se crucial para que haja uma comunicação satisfatória entre duas ou mais pessoas. “A leitura tem existência histórica, pois se associa à adoção do alfabeto como forma de comunicação e à aceitação da escola como instituição responsável pela aprendizagem” (Zilberman, 2012, p. 21). Muitas civilizações antigas não possuíam uma escrita de seus idiomas, mas usavam outras formas de leitura com o intuito de deixar registrado um pouco da história de seu povo.

Desde a juventude vamos aprendendo as mais diversas maneiras de leitura. “É através da linguagem que o homem se reconhece como humano, pois pode se comunicar com os

outros homens e trocar experiências" (BORDINI e AGUIAR, 1988, p. 9). Daí a importância da literatura como meio de divulgação das questões sociais.

Ainda segundo os autores, quando falamos de leitura e linguagem, a leitura literária tem sido uma excelente ferramenta para que o homem pudesse se comunicar e, também, deixar registrado suas ideias e relatos. Os livros são fundamentais para o conhecimento, no entanto, são as obras literárias que abrangem de maneira mais ampla os sentidos e despertam no leitor o senso de ir mais além.

A literatura não impõe limite para a imaginação e nos leva a ter uma visão muito maior do mundo ao nosso redor. Além disso, diferente do que fazem os historiadores, a literatura é a história sendo contada de uma maneira mais clara, estética e sem omitir detalhes que, em alguns casos, convenientemente quiseram esquecer.

Para Bordini e Aguiar (1988, p. 14):

A obra literária pode ser entendida com uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo da mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada.

Outra importante diferença entre os textos comuns e textos literários é que estes apresentam as emoções mais profundas de seus autores e isso é evidenciado na obra de Carolina Maria de Jesus. Outro ponto interessante dentro do contexto literário é o tempo, espaço e contexto social em que está inserido. Alguns autores dizem que um período histórico pode ser melhor conhecido, por meio da literatura do que pelos livros de história.

Ler um livro configura-se uma espécie de diálogo. É como se leitor e autor estivessem frente a frente conversando sobre a obra que está sendo lida. Existe a necessidade do autor se fazer entendido pelo leitor. Ambos precisam estar em sintonia. Essa conexão entre autor e leitor faz com que a leitura literária torne-se algo prazeroso e que tragam algum benefício ao leitor. A obra de Carolina Maria de Jesus tem essa conexão com o leitor, já que trata-se do cotidiano de grande parte do povo brasileiro, que sofre com as dificuldades existentes neste país.

Para Zilberman (2012, p. 25):

Rejeitar a leitura é, portanto, rejeitar a escola. Ou, pelo menos, a leitura promovida pela escola, que transmite "um assunto exteriormente e por meio de sinais", nas palavras de Platão, e que, para Schopenhauer, impede os próprios pensamentos. As concepções sobre o ensino da leitura talvez deem razão aos dois filósofos, como podem sugerir os textos que tratam desse tema e circularam na escola brasileira nos séculos XIX e XX.

Portanto, a leitura deve ser tratada como prioridade no processo de ensino-aprendizagem. Negligenciá-la configura-se um enorme prejuízo à educação, pois limita o pensamento do indivíduo a apenas aquilo que os outros falam. Quando se lê, a pessoa se torna dona das suas próprias ideias e convicções, como Carolina Maria de Jesus, que usou a leitura e a escrita para encontrar seu lugar de fala na sociedade.

1.2. PÓS-COLONIALISMO, DIALOGISMO E ALTERIDADE

O colonialismo, apesar de muitos acharem que pertence ao passado, ainda influencia o mundo atualmente, mesmo que de forma sutil. A maneira como algumas nações conquistaram seus territórios custou o sangue de muitos povos. Não somente pessoas morreram nessas empreitadas, mas muitas culturas foram apagadas durante o processo de colonização.

Séculos depois, no período conhecido como Pós-colonialismo, ainda vemos como culturas exercem algum tipo de “poder” sobre outras. Isso também pode ser visto no campo literário, como quando a literatura de Carolina Maria de Jesus foi considerada inferior pelo fato dela não pertencer à elite social da época. "Admitir-se-ia, então, que as literaturas dos povos independentes estariam livres das manipulações coloniais que as degradaram e que daqui por diante teriam posição estética própria. Sabe-se, todavia, que as raízes do imperialismo são muito mais profundas e extensas" (BONNICI, 2012, p. 18). Com isso, a literatura dos povos colonizados era vista como "uma imitação servil de padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista" (BONNICI, 2012, p. 18). Ou seja, mesmo sendo considerada independente, havia sempre traços da literatura de países mais desenvolvidos.

Para as novas nações era muito difícil alcançar a independência literária. A respeito disso, Bonnici (2012, p. 19) diz:

A ruptura operada pela literatura pós-colonial e a apropriação do idioma europeu para desenvolver a expressão imaginativa na ficção aconteceram após investigações e reflexões sobre o mecanismo do universo imperial, o maniqueísmo por ele adotado, a manipulação constante do poder e a aplicação do fator desacreditador na cultura do outro.

O Pós-colonialismo literário pode ser entendido como a influência que o imperialismo tem desde o período da colonização de um determinado território até os dias atuais sobre a literatura deste lugar (BONNICI, 2012). Essa influência pode ocorrer de diversas maneiras, como quando vemos traços de uma outra cultura contidos na literatura de outro país.

A literatura pós-colonial “pode ser entendida como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre os séculos 15 e 21” (BONNICI, 2012, p. 21). A literatura de muitos povos que foram colonizados por potências europeias acaba apresentando características de seus colonizadores. Isso pode ocorrer tanto no idioma quanto na linguagem utilizada no momento da escrita, bem como em aspectos culturais do colonizador.

Embora o colonizador exerça essa influência na literatura do colonizado, isso torna-se possível por haver um dialogismo entre ambos. Ou seja, mesmo que haja uma relação, podemos dizer, de dominador e dominado, existe uma unidade de interação social entre literaturas de épocas e/ou lugares diferentes. A respeito disso, Bakhtin (1979, p. 348) diz que “qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante, o que é já concluído em sua visão do mundo, etc.). O dado se transfigura no criado”.

Quarto de despejo faz essa interação entre culturas e épocas diferentes. A autora apresenta em sua obra problemas sociais existentes na atualidade, comprovando o dialogismo entre a literatura do passado com a literatura do presente. Carolina contribuiu para os estudos pós-colonialistas de maneira significativa, pois sua obra é uma crítica social, e envolve a figura da mulher negra, marginalizada e vulnerável a todos os tipos de violência.

1.3. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Carolina Maria de Jesus relata em seus diários diversos episódios de violência física e psicológica contra a mulher. Mas existe também a chamada violência simbólica, um tipo sutil de violência, mas que pode gerar consequências significativas em suas vítimas.

O conceito de violência simbólica, criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, trata-se do processo de imposição de determinados valores culturais. Esse tipo de violência não é necessariamente física, mas principalmente psicológica, como quando, em sua obra, Carolina Maria de Jesus relata sofrer xingamentos e ameaças de alguns homens que moram na favela.

Segundo a teoria de Pierre Bourdieu (apud NASCIMENTO, 2018):

Os seres humanos possuem quatro tipos de capitais, são eles: 1) o capital econômico, a renda financeira; 2) o capital social, suas redes de amizade e convívio; 3) o cultural, aquele que é constituído pela educação, diplomas e envolvimento com a arte; 4) capital simbólico, que está ligado à honra, o prestígio e o reconhecimento. É através desse último capital que determinadas diferenças de poder são definidas

socialmente. Por meio do capital simbólico, é que instituições e indivíduos podem tentar persuadir outros com suas ideias.

Entende-se que a violência simbólica "é cometida com a cumplicidade entre quem sofre e quem a pratica, sem que, frequentemente, os envolvidos tenham consciência do que estão sofrendo ou exercendo" (BOURDIEU apud NASCIMENTO, 2018). Isso é muito comum quando mulheres que vivem em relacionamentos abusivos não se dão conta de estão em uma situação na qual elas são as vítimas.

A imposição cultural, mesmo que pareça aceitável, configura-se num ataque à história e identidade de um povo. Isso também é um tipo de violência simbólica. A violência simbólica não ocorre apenas culturalmente, mas também quando grupos minoritários são tratados como inferiores pela sociedade, ainda que esse tratamento seja considerado normal por uma elite dominante da sociedade. Por muito tempo algumas pessoas têm sofrido esse tipo de violência, sem poder, contudo, se expressar em defesa própria.

As mulheres, infelizmente, durante toda história, têm sido vítimas tanto da violência simbólica quanto da violência física. O que é mais chocante é o fato de que os agressores, em sua maioria, são parentes ou companheiros das vítimas. Segundo dados do mapa da violência contra a mulher de 2018, em 58% dos casos de violência doméstica, a agressão é cometida pelo companheiro da vítima. Essa violência, como dito anteriormente, não é apenas física, mas também psicológica, que é tão nociva quanto, deixando sequelas que podem ser irreversíveis.

Em 2006 foi sancionada a Lei Maria da Penha, criada para proteger as mulheres vítimas de algum tipo de violência doméstica ou familiar. Pelo texto da lei (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006), o agressor que – por ação ou omissão – causar lesão, sofrimento físico, sexual, psicológico ou dano moral e patrimonial, fica obrigado ressarcir todos os danos causados, inclusive ressarcir aos cofres públicos todos os custos, de acordo com a tabela SUS. As despesas envolvem os valores pagos pelo Estado no tratamento das vítimas em situação de violência doméstica e familiar.

2 METODOLOGIA

Neste tópico iremos apresentar, não só os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de informações e análise dados, como também apresentação do lócus da pesquisa.

Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 30) definem que "a pesquisa é um conjunto de processos sistemáticos, críticos e empíricos aplicados no estudo de um fenômeno". A pesquisa precisa ser planejada, organizada e sistematizada para que consiga alcançar o objetivo proposto previamente pelo pesquisador. Daí a importância da escolha correta dos procedimentos metodológicos a serem utilizados.

A natureza da pesquisa utilizada neste trabalho foi a qualitativa, visto que será analisado fragmentos de uma obra literária. "Nos estudos qualitativos é possível desenvolver perguntas e hipóteses antes, durante e depois da coleta e da análise dos dados" (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 33). A pesquisa qualitativa permite um estudo que considere o contexto e as características do objeto da pesquisa, no caso, a análise da obra *Quarto de despejo*.

O método de procedimento utilizado na pesquisa foi o histórico. Este método tem por finalidade observar os dados da pesquisa sob uma perspectiva histórica, ou seja, comparando o conjunto das características existentes na atualidade com suas origens históricas que, no caso, é o olhar literário em relação à violência contra mulher, barrismo esse que é perpetuado por uma sociedade machista e preconceituosa.

Quanto aos fins, a pesquisa apresenta um cunho bibliográfico, uma vez que implica um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório" (LIMA e MIOTO, 2007).

As técnicas de pesquisa "representam um conjunto de procedimentos ou de processos intrínsecos a uma determinada área do conhecimento científico" (ZAMBELLO et al., 2018, p. 59). Podemos entender também que "tanto a metodologia adotada, como as técnicas de pesquisa que delas derivam, devem estar coadunadas às características da pesquisa realizada, aos objetivos esperados, ao campo científico ao qual se vincula o trabalho desenvolvido e à tipologia da pesquisa" (ZAMBELLO et al., 2018, p. 59). As técnicas utilizadas nesta pesquisa foram a documentação, levantamento bibliográfico preliminar, leitura do material, e pesquisa documental.

Para fins metodológicos, o procedimento utilizado foi a análise textual discursiva, por meio da análise do discurso. Segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 62), "a primeira fase da análise e da interpretação é a crítica do material selecionado das referências. É considerado um juízo de valor sobre determinado material científico". Com relação à análise do discurso, "é uma prática da linguística no campo da comunicação, e consiste em analisar a estrutura de um texto e a partir disto compreender as construções ideológicas presentes no mesmo" Porto (2022).

2.1. LÓCUS DA PESQUISA: OBRA *QUARTO DE DESPEJO*

A escritora Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta, Carolina cresceu em uma família com sete irmãos (FRAZÃO, 2020). Negra, semianalfabeta, migrou para São Paulo onde foi empregada doméstica. Quando engravidou do primeiro filho, saiu da função de doméstica e passou a catar papel e outros materiais reaproveitáveis para sua sobrevivência.

O jornalista Audálio Dantas conheceu Carolina durante uma reportagem sobre a favela do Canindé e descobriu que ela escrevia um diário. Ele ficou surpreso com a força expressiva do texto, a narrativa da amarga realidade da vida dos favelados na década de 1950, os costumes e seus hábitos, a violência, a miséria, e as diversas dificuldades encontradas. Nem um reporter ou escritor poderia escrever aquele texto de forma tão bem detalhada e, para ter uma melhor visão, somente alguém que mora dentro da favela.

O quarto de despejo está inserido ao gênero diário na narrativa autobiográfica, escrito entre 1950 e início de 1960, período em que o Brasil passava pelo processo de modernização econômica e ao mesmo tempo expandia de maneira expressiva desigualdades sociais.

A obra *Quarto de despejo* é uma literatura que narra o cotidiano da própria Carolina vivido na favela e trata-se de um *best-seller*, tanto no Brasil quanto no exterior. Com uma linguagem simples, objetiva, realista e comovente que, apesar de ter sido escrito na década de 1950, em nenhum momento perdeu sua atualidade. Os casos de violência doméstica relatados em seus diários se assemelham em muito à contemporaneidade.

A publicação de literatura de autoria feminina tem sido um tabu há séculos. Durante muito tempo, algumas autoras se viam obrigadas a assinar suas obras com pseudônimos masculinos, para que estas pudessem enfim ser publicadas. Eram tempos de muito preconceito e discriminação que as mulheres sofriam em uma sociedade onde o machismo era predominante.

Com o passar dos anos, graças a mulheres corajosas e destemidas, autoras femininas têm ganhado cada vez mais espaço no cenário literário. Um exemplo de libertação da voz feminina na literatura é a autora Carolina Maria de Jesus. Embora fosse quase analfabeta, mãe solo, negra e moradora de uma favela, Carolina Maria de Jesus, contrariando todas as possibilidades de sua realidade, decidiu tornar-se escritora. *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é sua obra mais famosa.

Carolina é uma mulher forte, exemplo de resistência em meio à miséria. Não depende de um homem e tem orgulho em não precisar do “pão da igreja” (ajuda social). Mulher negra, guerreira e batalhadora, enfrenta as dificuldades do seu cotidiano catando papel para conseguir seu sustento e garantindo sua liberdade, que para ela é uma vitória e motivo de exaltação.

Através do seu ofício de catadora ela teve contato com livros e passou a escrever o seu drama e a rotina de suas vizinhas vítimas de violência nos papéis encardidos encontrados no lixo. Carolina aprecia sua liberdade e faz críticas às mulheres da favela que dependem dos seus maridos, apanham, são humilhadas e obrigadas a pedir esmola, entretanto a julgam por não ter um. Na visão dela, um homem atrapalharia sua vida, o que lhe causa repúdio justamente pela questão da violência doméstica na qual ela presencia diariamente.

Devido às baixas condições de infraestrutura e segurança, a favela é para a sociedade, de certo modo, um ambiente hostil de propagação da violência e infâmia do ser humano. A autora tem essa mesma perspectiva, pois a favela, para ela, é o “quarto de despejo” de uma cidade. Ela descreve sua indignação e diz ter nojo de ver essas cenas e de ali morar, onde a violência surge de todas as ordens.

2.2 APRESENTAÇÃO DE FRAGMENTOS DA OBRA E ANÁLISE DO CONTEÚDO

Na apresentação dos fragmentos abaixo, a autora, considerando a origem humilde, de pouca instrução, muitos fragmentos apresentam uma grafia fora das normas padrão e outro ponto a ser observado é a presença de neologismos criados pela autora.

Na obra em questão, Carolina de Jesus relata ter presenciado diversas cenas de agressão física contra mulheres. Em certa ocasião ela diz “a Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando”. (JESUS, 2014, p. 14). Apesar da ironia, ao chamar de “espetáculo” uma briga de casal, para Carolina é algo revoltante, pois além de seus filhos, outras crianças da favela também presenciam as cenas de agressões físicas e palavras de baixo calão de seus vizinhos contra suas companheiras. Esse fragmento nos mostra algo comum, não só em muitos lares das favelas, como também em todas as classes sociais pelo Brasil a fora, esta é a triste realidade de diversas mulheres. O medo, a dependência financeira, emocional, dentre outros, são alguns dos fatores cruciais para que as mulheres permaneçam suportando o vínculo hostil e agressivo de seus opressores.

Em outro relato, a autora vê um homem que agride não só a esposa, mas também os filhos. “O senhor Alexandre começou a bater na sua esposa. A Dona Rosa interviu. Ele dava “ponta-pé” nos filhos. Quando ele ia enforçar a Dona Nena, a Dona Rosa pediu socorro”. (JESUS, 2014, p 96). As crianças acabam sendo as mais afetadas, física e psicologicamente, quando vivem em um lar marcado por constantes atos de violência praticados por aqueles que deveriam lhes ensinar e demonstrar amor por seus semelhantes. Vale ressaltar ainda que esse tipo de violência, como falado anteriormente, atinge um patamar alarmante no Brasil, manifestando na vítima e em suas testemunhas (os filhos) sérios problemas de relacionamentos e problemas sociais.

26 de julho... Era 19 horas quando o senhor Alexandre começou a brigar com sua esposa. Dizia que ela havia deixado seu relógio cair no chão e quebrar-se. Foi alterando a voz e começou a espancá-la. Ela pedia socorro. Eu não impressionei, porque já estou acostumada com os espetáculos que ele representa. A dona Rosa correu para socorrer. Em um minuto, a notícia circulou que um homem estava matando a mulher. Ele deu-lhe com um ferro na cabeça. O sangue jorrava. (JESUS, 2014, p 184).

Na citação anterior, Carolina de Jesus destaca que a violência contra as mulheres da favela é algo tão comum que já não lhe causa mais tanto espanto. Infelizmente, milhares de pessoas vivem em ambientes onde a violência faz parte do seu dia a dia e acabam tendo que se habituar a conviver em meio a essas condições.

A autora também presenciou e foi vítima de violência psicológica. Segundo Pimenta (2021), “a violência psicológica é considerada uma forma sutil de violência. Quando se pensa em atos violentos, o que costuma aparecer na mente da maioria das pessoas são agressões físicas. Muitas ainda não veem as agressões psicológicas como formas de violência”.

Por conta de seus diários a autora foi ameaçada psicologicamente por moradores da favela que não admitiam sua exposição. Muitas vezes, os xingamentos e insultos eram num nível extremamente vil: “Quando eu cheguei ele começou insultar-me: - Negra suja. Ordinária. Vagabunda. Lixeira.” (JESUS, 2014, p. 98).

Carolina relata um episódio envolvendo um indivíduo chamado Lalau, no qual ele a ameaça caso ela publique no jornal local suas atitudes que, por ter um comportamento violento, demonstrava ser uma pessoa extremamente abusiva e desrespeitosa com as mulheres. “O Lalau disse que eu ponho várias pessoas no jornal, mas ele eu não ponho. -Se você me pôr no jornal eu te quebro toda, vagabunda! Esta negra precisa sair daqui da favela” (JESUS, 2014, p. 174).

A violência psicológica é tão nociva quanto a violência física, pois ambas podem gerar consequências terríveis à vítima. É difícil mensurar qual delas pode causar a maior dor em

quem sofre a agressão. A violência psicológica também machuca e pode deixar sequelas que, em muitos casos, podem ser irreversíveis.

Outro tema presente na obra *Quarto de despejo* é o racismo. O racismo está presente na sociedade mundial desde os tempos mais antigos até hoje. Pelo fato de ser negra, Carolina de Jesus foi vítima de racismo em muitas ocasiões durante sua vida na favela. Certa vez, ela escreveu uma peça e foi rejeitada pelos diretores unicamente por ser negra - “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: - É pena você ser preta.” (JESUS, 2014, p. 64). O homem branco quis diminuir Carolina, mostrando com isso que o negro servia apenas para trabalho braçal, justamente o tipo de ofício que ela exercia no momento, descreditando de sua capacidade literária, considerando-a analfabeta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo “rustico”. Eu até acho o cabelo de negro mais “iducado” do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dá um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe “reincarnações”, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p. 64).

No trecho acima, o pensamento de Carolina é em resposta ao racismo do homem branco, que não aceitou a peça escrita por ela, por ser mulher, negra e favelada, pondo em dúvida sua capacidade intelectual. Em momento algum de sua vida ela reclama pelo fato de ser negra, mas sim, faz uma exaltação à sua negritude.

Outro fato importante que Carolina de Jesus relata em seus diários é o racismo praticado pelos próprios negros. Por mais que seja difícil de acreditar, ela foi vítima desse tipo de discriminação por parte de outros negros da favela. “Eu ia pegar uns pedaços quando ouvi um preto dizer para eu não “mecher” nas lenhas que ele ia bater-me. Eu disse para bater que eu não tenho medo. Ele estava pondo as lenhas dentro do caminhão. Olhou-me com desprezo e disse: - Maloqueira!” (JESUS, 2014, p. 82). O termo “maloqueira” é uma palavra pejorativa usada para ofender ou desqualificar uma pessoa, ou seja, a fala do homem negro contra Carolina é uma forma de discriminar e diminuí-la por sua condição de favelada. Infelizmente, existem aqueles que, mesmo sendo vítimas de racismo, também são praticantes desse ato hediondo.

Em diversas situações nas quais Carolina presenciou cenas de violência contra suas vizinhas, ela intervia buscando ajuda da polícia para prender os agressores. Por conta disso, recebia ameaças, sofria racismo – “você chamou a rádio patrulha para mim. Negra “fidida”! Mas você me paga!” (JESUS, 2014, p. 97).

Não só o racismo, mas o machismo também é um embate enfrentado pela autora, ela faz críticas a população branca por se colocarem em posição superior ao negro. Quando ela

diz que gostaria de nascer, caso haja reencarnação, sempre preta, mostra-nos a questão identidade, do seu lugar enquanto ser humana e direito ao lugar de fala, ou seja, o reconhecimento de sua própria identidade de origem africana, não se abalando diante da segregação racial. “O Brasil é predominado pelos brancos. Em muitas coisas eles precisam dos pretos e os pretos precisam deles.” (JESUS, 2014, p. 115). Segundo o último censo brasileiro, 43% da população se declara branca, enquanto 9,1% se declara preta (IBGE, 2022). Isso mostra que os negros pertencem a uma minoria que sofre com discriminação e preconceito durante séculos.

Em sua obra, Carolina declara:

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite em quanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres das favelas que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. (JESUS, 2014, p. 16 e 17).

Mesmo passando por todas as dificuldades que a favela pode apresentar, Carolina de Jesus demonstra sua força e autenticidade, não aceitando qualquer tipo de ajuda. Ela prefere trabalhar duro do que ser sustentada pela caridade dos outros. Esta fala apresentada no trecho acima, “ Não casei e não estou descontente”, significa um ato de empoderamento feminino e, a afirmação que ela não depende e nem precisa de homem para sobreviver. Ela foi um exemplo de garra e determinação. Mesmo quando todas as circunstâncias da vida apontavam o seu fracasso, Carolina de Jesus foi uma vencedora na vida, mostrando que todos podem mudar o seu destino e fazer dele o melhor para si e para sua família.

Considerações finais

Em toda narrativa da autora há relatos de violência doméstica, psicológica, racismo, dentre outros abusos relacionados às mulheres. Carolina teve amargas experiências não só com os homens com quem se relacionou, mas com pessoas que ela conviveu dentro e fora da favela.

Para não ser submetida à mesma situação de suas vizinhas, ela optou por viver sozinha com seus três filhos. Na visão dela, uma relação à dois deve haver respeito, reciprocidade, cuidado, afeto, amor; exatamente o oposto do que é vivido e presenciado dentro da favela.

Escrever foi uma forma de desabafo e alimentar seus sonhos. Com sua visão crítica, reflexiva e, poética, Carolina deu voz aos marginalizados, denunciando o abandono social.

Pondo em evidência questões importantes que sempre devem receber uma atenção singular e jamais postas de lado.

Enquanto pesquisadora, ao ler o livro e conhecer o universo triste e amargo de Carolina de Jesus, foi uma experiência extraordinária, ao mesmo tempo dura e impactante. Uma mulher visionária, ousada, à frente do seu tempo, e que por muitos anos manteve-se mesclada junto aos marginalizados. Conseguiu sua liberdade devido a sua perspicácia e insistência nos livros.

Em virtude dos fatos mencionados, vale ressaltar que a educação é libertadora e uma forma eficaz de combate às desigualdades sociais. A leitura da obra deveria ser de caráter obrigatório e inserida nas instituições de ensino escolar e na formação de professores, uma vez que contribui de maneira expressiva tanto para a sociedade quanto para a literatura negra brasileira.

A leitura de obras de literatura marginal contribuiu de forma significativa para uma percepção mais ampla sobre temas importantes para a sociedade atual, no caso, a violência contra a mulher. Deve haver mais leitura desse tipo de literatura nas escolas, de maneira que os estudantes possam desenvolver seu senso crítico quanto a questões de cunho social que tragam alguma reflexão tanto na escola quanto na sociedade em geral.

Para estudos posteriores, cabe uma análise dos problemas sociais contidos na obra *Quarto de despejo* que, mesmo tendo se passado mais de 60 anos, ainda podem ser vistos nos dias de hoje. Problemas como racismo, discriminação social e preconceito contra as mulheres ainda são muito comuns atualmente e precisam ser estudados e soluções sejam buscadas e implementadas na sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. (Série Novas Perspectivas 27).

BAKHTIN, Mikhail (1979). **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

BONNICI, T. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura (1990-2001)** [online]. 2nd ed. Maringá: Eduem, 2012.

COELHO, Beatriz. **Método de abordagem: saiba como escolher o melhor para sua pesquisa**. Mettzer, 2021. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/metodo-de-abordagem/>. Acesso em: 08/06/2022.

FRAZÃO, Dilva. **Carolina Maria de Jesus**. Ebiografia, 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/. Acesso em 11/03/2023.

JESUS, Carolina Maria de, 1914-1977. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista Katal. Florianópolis, 2007.

NASCIMENTO, Henrique. **Entenda o que é violência simbólica**. UNINASSAU, 2018. Disponível em: <https://www.uninassau.edu.br/noticias/entenda-o-que-e-violencia-simbolica>. Acesso em: 13/06/2022.

PIMENTA, Tatiana. **Violência psicológica: como reconhecer suas diferentes formas?** Vittude, 2021. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/violencia-psicologica-como-reconhecer-suas-formas/>. Acesso em 09/03/2023.

PORTO, Gabriella. **Análise do discurso**. InfoEscola, 2022. Disponível em: <https://www.infoescola.com/linguistica/analise-do-discurso/>. Acesso em: 07/03/2023.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria Del Pilar Baptista. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. **Metodologia de pesquisa** [recurso eletrônico]. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

ZAMBELLO, Aline Vanessa. et al. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Organizador: Thiago Mazucato. Penápolis: FUNEPE, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura** [livro eletrônico]. Curitiba: Ibpex, 2012. – (Série Literatura em Foco).